



## BOLÍVAR E A PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO VENEZUELANA NO SÉCULO XIX

Alex de Novais Dancini – UNESPAR-FECILCAM, Pedagogia, alexdancini@hotmail.com

**Resumo:** Este texto pretende discutir alguns aspectos relacionados ao pensamento educacional de Simón Bolívar. Busca-se apresentar algumas considerações de como Bolívar pensava a educação venezuelana. No primeiro momento, o texto apresenta considerações acerca da influência de Bolívar no processo independentista latino americano, sua preocupação com o tema educação e a função dessa educação na formação do homem republicano. Em seguida, busca-se discutir seu pensamento educacional a partir da perspectiva da classe social a que Bolívar pertencia. Em um período histórico de transformações políticas, a Venezuela e toda a América Latina, assistiu à derrocada da Metrópole espanhola que, por mais de três séculos, dominou-a econômica e politicamente. Diversos setores da sociedade venezuelana buscavam o rompimento com a Coroa. Embora dentro do próprio setor *criollo* houvesse divergências em relação à independência, a ideia de ruptura política ganhou força e teve em Simón Bolívar um de seus principais representantes. Assim, seu pensamento deve ser compreendido a partir da perspectiva da classe a que pertencia e representava. Em meio a esse complexo processo de transformação política e também posterior a ele, a educação, na visão de Bolívar, devia desempenhar um papel fundamental na formação de um novo homem para a república. Trata-se de uma educação sob a égide do Estado, pública e universal, formadora de uma moral e virtude republicanas.

**Palavras-chave:** Educação. Venezuela. Simón Bolívar. Independência.

### Introdução

A proposta deste trabalho é apresentar alguns aspectos da proposta educativa de Simón Bolívar<sup>1</sup> (1783 – 1830). O período histórico em discussão neste texto compreende o início da década de 1810 até a segunda metade da década de 1820. Este período foi marcado pelas intensas lutas pela independência da Venezuela, momento em que Bolívar coloca-se como liderança militar e política do exército independentista e se propõe a pensar sobre economia, política, cultura e educação do seu país.

<sup>1</sup> Simón José Antonio de la Santíssima Trindad Bolívar Y Palacios nasceu em 24 de julho de 1783, em Caracas, na mansão senhorial herdada de Marín y Narváez. Já nasceu rico. Enricou mais ainda quando tinha apenas ano e meio. Um tio padre, Juan Felix Aristeguieta y Palacios, deixou-lhe três fazendas, escravaria numerosa e outros bens. (...) Perdeu pai aos três anos e a mãe aos nove. Não cursou nenhuma escola. Teve preceptores, como era o uso das famílias ricas. Dentre seus mestres, o mais importante, aquele que lhe inculcou a vocação e lhe moldou o caráter e o destino, foi Simon Carreño Rodriguez (CASTRO, 1988, p. 21-22).

Neste período, sua preocupação com a formação do homem venezuelano se tornou atividade constante em seus escritos. Conforme a guerra foi se estendendo, Bolívar passou a refletir sobre uma estrutura educacional para a Venezuela, abarcando aspectos referentes ao currículo, aos métodos e à divisão do ensino.

Propondo um ensino estatal e público, o líder *criollo* se preocupava principalmente com a formação moral dos indivíduos, pois, em seu entendimento, era necessário formar um novo conceito de moral para uma sociedade não mais colonial. A partir de 1823, sua produção sobre educação se intensificou e fez parte de projetos constitucionais que elaborou e de decretos que emitiu como comandante em chefe do exército independentista e como presidente da República Venezuelana, durante os períodos que em que os patriotas se alternavam no poder.

A compreensão do projeto educacional bolivariano passa pela aceitação da contradição social existente na Venezuela colonial que, embora seja difícil constatar a existência de uma luta de classes da maneira como esta se configurou no modo de produção capitalista, não se deve negar a existência de interesses antagônicos entre os setores sociais constitutivos daquela sociedade. É neste movimento histórico de saída da dominação colonial para a abertura ao capital estrangeiro que se deve compreender o projeto educacional de Bolívar.

## **2. Bolívar e a formação educativa para a república**

A preocupação com a educação da república era algo que figurava nas discussões dos *criollos*, desde o período da primeira república<sup>2</sup> da Venezuela, A menos de um ano da proclamação da primeira república venezuelana, Miranda<sup>3</sup>, Bolívar e Andrés Bello<sup>4</sup> estavam reunidos na biblioteca da casa de Miranda, em Londres, discutindo os problemas da administração da república que não tardaria a ser conquistada. Segundo Valle (1968, p.61), “todos os problemas de política e administração eram minuciosamente discutidos”. E continua: “mas um problema básico não saía de suas preocupações: o da educação

---

<sup>2</sup> A primeira república da Venezuela começou em 5 de julho de 1811 e durou pouco mais de um ano.

<sup>3</sup> Francisco Antonio Gabriel de Miranda (1750 – 1816) era caraquenho e é considerado o comandante da luta pela independência da Venezuela ainda nos primeiros anos da década de 1810, fato que lhe rendeu o título de “o Precursor” da libertação venezuelana. Serviu ao exército espanhol na guerra contra a Grã-Bretanha no posto de tenente-coronel. Foi amigo de Bolívar e lutou ao seu lado nas primeiras batalhas contra as tropas espanholas após a primeira independência da Venezuela. Foi detido em 1812 por oficiais venezuelanos, dentre eles, Bolívar e entregue ao exército espanhol. Não suportou as péssimas condições do cárcere, vindo a falecer a 14 de julho de 1816.

<sup>4</sup> “Andrés Bello nasceu em Caracas, Capital da Capitania geral da Venezuela, em 1781, e morreu em Santiago do Chile, em 1865. Foi um dos mais destacados poetas e filólogos da língua espanhola e exerceu a função de jurista e educador, tendo Simón Bolívar com aluno” (PUIGGRÓS, 2010, p. 71).

popular, antes de tudo”. Quanto a Bolívar, este “defendia, sempre que disso se cuidava, a ideia de que era indispensável formar cidadãos hábeis e instruídos ao invés de clérigos”.

Durante as duras batalhas travadas pelo exército patriota em oposição aos realistas, o líder *criollo* sempre esteve atento à questão educacional. Ao final da campanha dos Andes, que culminou na libertação do vice-reinado de Nova Granada, a 10 de agosto de 1819, “sérios problemas ocupavam a cabeça do Libertador, sobretudo o amparo aos órfãos, desabrigados ou pobres” a quem, segundo o próprio Bolívar, “a república tinha de amparar e dar educação” (VALLE, 1968, p. 131). Embora a preocupação de Bolívar em relação à educação se estenda ao longo dos mais de 13 anos da batalha independentista frente à Metrópole, é depois de 1823 que ele vai se dedicar à organização do Estado venezuelano e de uma estrutura educacional sob o total controle estatal.

primeira república da América Latina foi proclamada em 05 de julho de 1811, em Caracas, Venezuela. Naquele momento, o setor *criollo* de Caracas se organizava politicamente com o intuito de requerer a liberdade política diante da Espanha.

As ações de revoltas contra a Metrópole foram iniciadas ainda na primeira década do século XIX por Francisco de Miranda (1750 – 1816)<sup>5</sup>, considerado o “Precursor” da independência venezuelana. Bolívar, que desde 1802 tivera contato com o pensamento iluminista em suas viagens pela Europa, encontrou-se com Miranda em 1810, em Londres, e trabalharam para dar continuidade ao processo de liberdade política iniciado pelo Precursor.

As viagens que Bolívar fez pela Europa, somadas à influência que sobre sua personalidade exerceu Simón Rodríguez, fizeram com que as ideias iluministas de oposição ao absolutismo fossem incorporadas pelo venezuelano e colocadas em prática na alvorada da primeira década do século XIX. A independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa foram acontecimentos históricos decisivos para que a maioria do setor *criollo* venezuelano aprovasse o fim da ruptura política com a Espanha.

Durante a guerra e em suas proclamações de repúblicas, Bolívar teve sempre a preocupação de organizar condições políticas para que a educação pudesse se desenvolver e se tornar uma poderosa ferramenta para formar o homem venezuelano que pudesse sustentar o ideal republicano e defender o regime de governo proposto naquele momento.

Mas sua preocupação também recaía sobre as convulsões sociais de grupos das camadas populares existentes na Venezuela, marcadas pela luta de interesses políticos e

---

<sup>5</sup>Francisco Antonio Gabriel de Miranda foi, antes de Simón Bolívar, o comandante da luta pela independência da Venezuela – o Precursor, como seria chamado. General, político, diplomata, revolucionário e cortesão, ligou seu nome à história de vários países. Descendentes de Bascos que se haviam se radicado nas Canárias e depois emigrado para o Novo Mundo, nasceu em Caracas em 1750. Ali, e depois no México, estudou direito e filosofia. Aos 22 anos, na Espanha, entrou para o exército real, onde serviu nove anos e foi punido duas vezes por insubordinação. Dava-se à leitura dos filósofos franceses, o que lhe valeu as suspeitas da Inquisição. Transferido para Cuba, participou da guerra contra a Grã-Bretanha. Já era tenente-coronel, quando recebeu, na Flórida, o pedido de rendição dos ingleses. A seguir, na Jamaica, foi acusado de envolvimento em negócios ilícitos e absolvido pelo conselho das Índias. Mas, enquanto pendia o julgamento, desertou, fugindo para os Estados Unidos. Lá chegou em 1783 – quando Bolívar estava nascendo (CASTRO, 1988, p.39).

econômicos dos setores dominantes e pelos focos de resistência de grupos das camadas populares. De um lado, grande parte dos *criollos* queria a independência da colônia, mas não a liberdade dos escravos ou qualquer tipo de igualdade de direitos com os mestiços, mulatos e índios. Do outro lado, escravos e índios já haviam mostrado que a cada nova revolta destes setores contra os proprietários de terras e minas que acontecia eles criavam novas condições de organização popular. Ademais, a revolta dos negros haitianos serviu de exemplo para toda a sociedade latino-americana daquela época, pois revelava o quão real era a possibilidade de tomada de poder pelas massas populares despossuídas de qualquer meio de produção.

Nesse sentido, qual era o entendimento de Bolívar acerca do papel da educação nesse processo de surgimento das novas repúblicas americanas e a função do Estado no processo para formar homens com um só pensamento, de amor à pátria e respeito às leis e à moral?

A resposta encontra-se em um decreto datado de 11 de dezembro de 1825, no qual Bolívar regulamenta o sistema educacional da Bolívia, deixando claro o papel do Estado na oferta de uma educação que, segundo ele, deveria ser “uniforme y general”. No artigo 3º das considerações que antecedem o decreto, Bolívar afirma: “que los establecimientos de este género deben ponerse de acuerdo con las leyes del Estado” (BOLÍVAR, 1982, p. 182). No discurso ante o congresso de Angostura<sup>6</sup> Bolívar atribuíra sugestiva importância à educação de um povo que se propõe livre sob a democracia da república, e sua preocupação é alertar as autoridades para o fato de que:

[...] un pueblo ignorante es un instrumento ciego de su propia destrucción; la ambición, la intriga, abusan de la credulidad y de la inexperiencia del hombre ajeno de todo conocimiento político, económico o civil; adoptan como realidades las que son puras ilusiones; toman la licencia por la libertad, la traición por el patriotismo, la venganza por la justicia (BOLÍVAR, 1982, p. 107).

A partir desta constatação, ainda nas considerações, Bolívar escreve no artigo 1º: “que el primer deber del gobierno es dar educación al pueblo” (BOLÍVAR, 1982, p. 182). Como um político influenciado pela ilustração, o revolucionário venezuelano propõe um sistema educacional fundamentado em bases tuteladas pelo Estado, observando ser este o dever primeiro de todo e qualquer governo republicano. Mas é no artigo 4º das considerações que antecedem o decreto, que Bolívar revela a natureza e a importância da educação para a formação do homem republicano: “que la salud de una república depende de *la moral* que por *la educación* adquieren los ciudadanos en su infancia” (BOLÍVAR, 1982, p. 182).

---

<sup>6</sup> Proclamada capital provisória da República da Venezuela em 1818. Hoje, é chamada de Cidade de Bolívar.

Uma das principais preocupações de Bolívar era fazer com que a educação fosse formadora de sujeitos que pudessem contribuir para o desenvolvimento econômico do país, bem como aceitar e respeitar as leis e o governo republicano. É neste sentido que se propõe a formação do homem pautada em um novo conceito de moral, a partir do qual a virtude e o amor às leis e à pátria deviam ser as bases desta formação.

Para ele, a formação para se viver a virtude em uma sociedade democrática, deveria substituir a formação colonial para servidão. Um nova moral deveria ser ensinada e disseminada na(s) república(s). E isso, por dois fatores: em primeiro lugar para que a virtude pudesse ser a base para a defesa da democracia por parte dos sujeitos que não fariam parte do poder, mas que eram imprescindíveis para a manutenção dele nas mãos do setor econômica e politicamente dominante, os *criollos*. Em segundo lugar, a educação deveria levar uma boa parte da sociedade venezuelana à conformação, aceitando, portanto, o poder imposto. Sobretudo, os setores desprivilegiados, compostos por mulatos, mestiços, negros e índios, os quais haviam tido papel fundamental na derrota dos *criollos*, na primeira fase da guerra, e na vitória deles, na segunda fase da guerra independentista. Quando as massas despossuídas estavam ao lado dos espanhóis, o exército republicano sofreu duras derrotas, vindo a reverter a situação, apenas, no momento em que conseguiu convencer as massas a lutar pela causa independentista.

Para Bolívar, a moral prescindia os ensinamentos da Aritmética, da Gramática, da História, entre outras, pois acreditava ser por meio daquela que se formava a virtude ideal para a república. Para ele, a formação moral do cidadão tinha um sentido mais prático que as demais ciências, na medida em que educava para o civismo, o amor à pátria, a liberdade e o respeito à ordem, formando as bases para que o conhecimento científico fosse colocado a serviço do progresso da república. Um conhecimento científico destinado aos setores dirigentes para que pudesse desenvolver a produção, utilizando-se da força de trabalho indígena, negra e mestiça, para os quais a educação deveria conter conhecimentos técnicos e, sobretudo, morais e éticos.

Desse modo, a educação do homem venezuelano, de acordo com Bolívar, deveria ter um sentido de “regeneración moral”, a cargo de “el gobierno que forma la moral de los pueblos, los encamina a la grandeza, a la prosperidad, y al poder” (BOLÍVAR, 1982, p.108). Nessa perspectiva, o líder *criollo* contrapunha-se o modelo de educação para a servilidade que fora praticada pela Metrópole espanhola ao longo do período colonial. Fato este que, segundo Bolívar, levou o povo americano “ao triplo julgo da ignorância, da tirania e do vício, [o povo americano] não pôde adquirir nem saber, nem poder, nem virtude. Discípulos de mestres tão perniciosos, as lições que recebemos e os exemplos que estudamos são os mais destrutivos” (BOLÍVAR, 1992, p. 85).

A partir destes referenciais, a educação, na perspectiva das orientações de Bolívar, devia assumir um caráter público e universal. Diante do confronto de interesses entre diversos grupos da venezuelana e das demais repúblicas já existentes na América Latina, à educação cabia apaziguar os interesses individuais e de setores economicamente antagônicos da sociedade, fazendo com que os interesses a serem defendidos fossem um só, aqueles demandados pelo Estado, sob o controle de grupos hegemônicos. Assim, o princípio da moral assume caráter fundamental para tentar harmonizar os anseios, evitando as dissidências por parte dos setores econômica e politicamente dominantes e a revolta por parte das camadas populares.

Los prêmios y castigos morales deben ser el estímulo de racionales tiernos; el rigor y el azote, el de las bestias. Este sistema produce la elevación del espíritu, nobleza e dignidad en los sentimientos, decencia en las acciones. Contribuye en grande manera a formar la moral del hombre, creando en su interior este tesoro inestimable, por el cual es justo, generoso, humano, dócil, moderado, en una palabra hombre de bien (BOLÍVAR, 1982, p. 190).

Daí o fato de a educação, em Simón Bolívar, assumir papel de núcleo formador da nova consciência do homem que deveria sustentar a pretensa democracia instaurada pela independência. Nos dizeres de Bolívar, o primeiro passo após a libertação política do homem americano, seria a sua libertação nas esferas espiritual e moral: “Después de libertar las manos atadas, de terminar con la servidumbre física e política, era necessário liberar los espíritus de la servidumbre moral” (FIGUEROA, 2006, p. 73). Para ele, o progresso da república e a felicidade do homem dependiam, impreterivelmente, de uma educação eficaz, virtuosa e militar, controlada pelo Estado. Expressivo, nesse sentido, são as considerações de Figueroa em relação à posição de Bolívar no referente à educação. Discorrendo sobre a influência de intelectuais dos séculos XVII e XVIII, da filosofia ilustrada, Figueroa (2006, p. 78) afirma que Bolívar “pensaba también en el poder ilimitado de la educación. La conducta humana es susceptible de perfeccionamiento, el progreso encuentra camino expedito, ilimitado en la educación. No hay felicidad ni destino seguro sin la educación”.

Portanto, em Bolívar aparece sempre a ideia de povo a ser conduzido por um Estado que teria de ser controlado por aqueles que estivessem preparados para tal função. Ou seja, os representantes dos setores dominantes daquela sociedade. Cabia, pois, à educação adequar esse homem venezuelano, considerado pelos independentistas como cidadão, ao novo regime político que se implantava após o fim da dominação espanhola.

### **3. Pensar uma educação a partir das contradições sociais de classe**

Contrário à dominação da Metrópole, Bolívar se mostrou, nas leis e constituições que promulgou, um legítimo representante *criollo*, influenciado por pensadores liberais. Como já dito acima, o medo de sublevações populares, negras, indígenas e mestiças, fez com que o poder do Estado controlasse a “liberdade” da democracia para a manutenção da ordem. Esta ordem a ser mantida a partir da prática da moral republicana, do respeito às leis e do amor à pátria, servia aos setores economicamente favorecidos, fosse com o comércio ou com a agricultura.

Em um artigo publicado em 1825, intitulado “La Instrucción Pública”, Bolívar apresenta seu modo de conceber um sistema público de ensino, a importância e as características de um educador, os deveres de um discípulo, as matérias a serem ensinadas e alguns métodos de ensino. Antes de explicitar suas ideias gerais sobre a instrução pública, Bolívar, mais uma vez, faz menção ao paternalismo benéfico de um governo ilustrado, que em meio à destruição causada pela guerra de independência, não tem descuidado do “fundamento verdadero de la felicidad: la Educación” (BOLÍVAR, 1982, p. 188).

Quase que na mesma época, o líder venezuelano escreveu poucas linhas em uma orientação de quais os rumos que deveriam seguir a educação de seu sobrinho Fernando Bolívar. O adolescente estudava em um colégio nos Estados Unidos e Bolívar escreveu ao diretor deste colégio, orientando-o em relação aos métodos e conteúdos da educação do membro de sua família. Estudando no exterior, como era de costume para a maioria das famílias *criollas*, Fernando deveria obter uma educação que o diferenciasse dos demais homens de sua época, até porque ele seria, possivelmente, um dirigente da política venezuelana, por ser de família aristocrática.

Algumas diferenças podem ser percebidas no que se refere aos conteúdos a serem ensinados. A instrução prática de bons modos que Bolívar propõe para a educação popular, embora apresentem, também, o princípio da divisão de classes, não consta nenhuma referência a partir da qual essa instrução deveria ser ensinada. O que se destaca é a prática dos bons modos a serem seguidos e praticados por todas as pessoas em todos os lugares, desde as *reuniones de amigos*, as tertúlias, até os *banquetes*. Para uma sociedade dividida, nota-se modos de comportamentos também fragmentados: “ao mismo tiempo se acompañará la instrucción práctica de la etiqueta, o de las cerimônias y cumplimiento debido a las gentes según su clase” (BOLÍVAR, 1982, p. 191, grifos nossos).

A educação proposta para seu sobrinho diferencia-se da que Bolívar propõe para os setores populares. Trazendo várias ideias que estão presentes nas instruções para a educação do povo de modo geral, a educação *criolla* deve avançar em alguns conteúdos. Deve-se ensinar, além da geografia e aritmética, a cosmografia, a geometria e a álgebra. A

estatística, a mecânica e a música, bem como “rudimentos del dibujo lineal, de la astronomía, química y botánica, profundizando más o menos em esas ciencias según su inclinación o gusto por alguna de ellas” (BOLÍVAR, 1982, p. 194). E, para terminar, que se aprenda a arte da dança, uma arte para os bailes da sociedade *criolla*, parecidos com os que Bolívar frequentava em suas viagens pela Europa, e distante dos costumes das camadas mais pobres daquela sociedade.

[...] el baile, que es la poesía del movimiento y que da la gracia y la soltura a la persona (...) Sobre todo, recomiendo a usted inspirarle el gusto por la sociedad culta donde el bello sexo ejerce su benéfico influjo; y ese respeto a los hombres de edad, saber y posición social (BOLÍVAR, 1982, p. 194).

À educação pública, segundo o pensamento de Bolívar, cabia o dever de transmitir tudo o que estivesse ao alcance da capacidade de ensinar do *Diretor*, de acordo com a capacidade de aprendizagem dos discípulos e do tempo que é necessário para tal processo. No entanto, é necessário que se dê preferência ao ensino da leitura e da escrita, dos princípios da Religião, da Aritmética e da Geografia (BOLÍVAR, 1982, p. 192). Para se aprender a ler e escrever, os métodos devem ser os mais simples:

[...] el método que me parece más fácil para enseñar a leer es, primero poner muy diestros a los niños en el conocimiento de las letras, después en la pronunciación de silabario, pro sin deletrear, y de aquí pasar a leer en cualesquiera libro. En esta operación se comprende la instrucción en los rudimentos de la gramática castellana. [...] Para aprender a escribir creo preferible a todos, el sistema de Carver por su sencillez, facilidad e belleza. En este ejercicio se comprende la enseñanza de la ortografía castellana, y se aprende a leer lo manuscrito (BOLÍVAR, 1982, p. 194).

A escola, portanto, era, para Bolívar, lugar privilegiado para se alcançar o progresso, de maneira que esta instituição era quem deveria conduzir a formação do novo homem da república. Daí a importância de se ter uma educação disciplinada, como a formação de um soldado, diferenciando-se desta na medida em que a formação disciplinar escolar é física e moral, enquanto que a de um soldado é apenas física. Assim, ele sugere uma educação integral para os indivíduos que devem estar o maior tempo possível sob o controle do ensino dos princípios da virtude e da honra, numa palavra, da moral republicana de amor e respeito à pátria.

Mas así como a los primeros se les instruye desde que se levantan hasta que se acuestan dándole a todos sus movimientos y trabajos regularidad, tiempo, orden y duración, para que resulte un todo bello; así al niño debe instruírsele siguiéndole en todas las horas del día (BOLÍVAR, 1982, p. 190).

A organização de uma estrutura educacional pública era imprescindível para que as ideias da independência pudessem ser defendidas pelo maior número de pessoas da sociedade venezuelana. E Bolívar sabia que a educação tinha a prerrogativa de formar homens segundo os interesses dominantes vigentes na época. Para a educação dos setores privilegiados, deveria-se destinar os conteúdos necessários para que estes mesmos grupos pudessem controlar o processo de desenvolvimento das forças produtivas. Aos setores encarregados do trabalho manual, os conteúdos deveriam dar conta do ensino da leitura e da escrita, aspectos básicos dos “direitos do homem”, aos quais os *criollos* seguiam, pois encontravam neles os preceitos para continuar sua dominação e manutenção do poder econômico e político.

#### **4. Considerações finais**

Na independência da Venezuela, a educação foi um tema importante, e que teve em Simón Bolívar um propagador da ideia de educação universal, no sentido de ser destinada a todos os cidadãos da república venezuelana.

Nomes expressivos da independência, como Miranda e Andrés Bello, além de Bolívar, tinham claro que era necessário formar uma consciência que valorizasse a conquista da república. Em diversas cartas, discursos e decretos, o líder da independência venezuelana ressaltou a necessidade de, após a libertação política, realizar também a libertação do espírito, da moral, intentando produzir uma consciência social de sustentação da república e, por extensão, de manutenção do poder dos setores dominantes sobre as massas trabalhadoras. Para Bolívar, portanto, a educação deveria configurar-se de um modo totalmente oposto àquela praticada pelos colonizadores ao longo de três séculos. A função da educação seria educar para a liberdade, mas uma liberdade proposta segundo os moldes *criollos*.

Para propor medidas e ações a serem desenvolvidas na esfera educacional, Bolívar fundamentou-se no pensamento iluminista, uma vez que fora educado por Simón Rodríguez, discípulo de Rousseau. Mas também porque era leitor dos principais filósofos iluministas, Voltaire, Diderot, Montesquieu e, principalmente, o próprio Rousseau. Assim, a educação, para Bolívar deveria ser uma atribuição exclusiva do Estado, de modo que esta instituição pudesse controlar a formação educacional venezuelana.

É importante destacar que em Bolívar é muito marcado a articulação entre o ensino de conhecimentos técnicos para os setores populares e os conhecimentos científicos para os setores dominantes e a educação moral, a educação para a virtude. Um novo sistema

político necessitava de um homem, cidadão, despojado dos preceitos difundidos na educação colonial, pois se antes era educado para servir, agora, porém, o venezuelano seria educado para a liberdade. Desse modo, a educação fortemente pautada nos valores morais republicanos e liberais era imprescindível para formar os indivíduos que conduzirão a república.

No entanto, em uma sociedade marcada pelo confronto entre os setores produtores e aqueles que controlavam a propriedade privada terra, a educação assumiu também um caráter contraditório, de modo que os conteúdos básicos e métodos mais simplificados foram colocados à disposição dos setores marginalizados. Por outro lado, conteúdos mais avançados, científicos, que extrapolam a instrução básica de aprender a ler e a escrever destinam-se aos setores privilegiados. A comparação entre o documento em que Bolívar trata da instrução pública e aquele em que discorre sobre a educação de seu sobrinho, filho dos setores criollos, dá uma dimensão dessa contradição.

A formação intelectual de Bolívar respeitou os costumes dos setores privilegiados. Portanto, a maneira *criolla* de pensar é marcante em seu ideário educativo, na medida em que ele estabelece a distinção entre os conhecimentos e as boas maneiras que devem ser ensinados ao povo em geral, e os conhecimentos e bons costumes que devem ser ensinados a seu sobrinho, Fernando Bolívar, em uma escola norte americana.

## 5. Referências

BOLÍVAR, Simón. **Escritos políticos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

BOLÍVAR, Simón. **La vigencia de su pensamiento**. Ciudad de La Habana, República de Cuba: Casa de Las Americas, 1982.

CASTRO, Moacir Werneck de. **O libertador: A Vida de Simón Bolívar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

FIGUEROA, Luis Beltrán Prieto. **El magistério americano de Bolívar**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2006.

PUIGGRÓS, Adriana. **Fontes da pedagogia latino americana: uma antologia**. DaniloR. Streck (Org.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VALLE, Oswaldo de Souza. **Simón Bolívar sua vida e suas ideias**. Rio de Janeiro. Editora Encadernações, 1968.

